

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: *Folha da Tarde*

Class.: *PVO geral*

Data: *22.06.87*

Pg.: \_\_\_\_\_

**MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA**

Supervisor: Dr. José Sylvio de Camargo

**ÍNDIOS DO XINGU: ASSISTÊNCIA**

Dia 5 de julho, a exemplo do que ocorre pelo menos quatro vezes por ano, equipes de médicos e alunos da Escola Paulista de Medicina estarão viajando para o Parque Nacional do Xingu. Lá, sob a orientação do prof. Roberto Baruzzi — que há mais de 18 anos vem prestando assistência médica aos índios — terão prosseguimento as campanhas de vacinação e exames preventivos na comunidade indígena radicada no parque. Os trabalhos deverão estender-se, segundo o programa, até o dia 25 de julho.

O programa de assistência à saúde dos índios iniciou-se por volta de 1962/64, quando, pioneiramente, atendendo a convite formulado pelo sertanista Orlando Vilas Boas e contando com a colaboração dos alunos da Escola Paulista de Medicina, o prof. Roberto Baruzzi organizou as primeiras equipes médicas para contatarem e oferecerem assistência médica aos índios.

Atualmente, o Parque Nacional do Xingu, reúne 17 tribos, entre os kajabis, trumais, kamairas, kalapalos e, entre outras, os kulkuros. Segundo informações prestadas ontem pelo prof. Roberto Baruzzi, as tribos, divididas por áreas geográficas, são visitadas quatro vezes por ano, num trabalho que envolve não só a continuidade de campanhas de vacinação, mas também de assistência médica e dentária.

Segundo Baruzzi, desde 1968 o programa vem sendo coordenado pela Funai — Fundação Nacional do Índio e se desenvolve sempre com a participação

de médicos residentes e docentes da Escola Paulista de Medicina, constituindo-se — segundo ele — num serviço pioneiro de escolas de Medicina em programas de assistência ao índio, principalmente “pela continuidade com que são mantidos os trabalhos de vacinação e assistência”, acrescentou.

Ontem, ao mesmo tempo em que apresentava o médico sanitário Francisco Pascallchio como coordenador e encarregado das equipes que visitarão o Xingu a partir do próximo dia 5, Baruzzi rememorava a participação deles nas equipes quando ainda estudante. “Felizmente — afirmou o professor — nós sempre contamos com a participação e o entusiasmo dos alunos em assistir à comunidade indígena e foi exatamente isso que nos permitiu dar continuidade ao programa, pois, hoje, muitos dos ex-alunos, atualmente médicos e professores, ainda permanecem integrados aos trabalhos de assistir os índios”.

**VILAS BOAS FACILITOU ACESSO**

Depois de explicar que cada uma das equipes é normalmente composta por dez pessoas, entre médicos habilitados, residentes e estudantes, relembrando os primeiros contatos com os índios do Parque Nacional do Xingu, Roberto Baruzzi disse que, graças ao trabalho desenvolvido por Orlando Vilas Boas e em função de uma epidemia de sarampo, ocorrida por volta de 1954 e que acabou por vitimar 112 índios de uma tribo de cerca de 600, “não tivemos dificuldades em

realizar nosso trabalho com eles”.

“Os índios — disse Baruzzi — ainda tinham na memória a morte de seus companheiros e não faziam nenhuma reserva em utilizar os medicamentos que determinávamos. Graças a isso e à colaboração que sempre recebemos dos alunos, tivemos condições de ir formando um cadastro da comunidade indígena, mantendo sob controle a tuberculose e as campanhas de vacinação para prevenir outras doenças”.

Roberto Baruzzi, juntamente com seu assistente, o médico sanitário Francisco Pascallchio, admitiram que alguns índios do Parque ainda sofrem com a tuberculose. “São casos isolados, afirmou Pascallchio, porque nós temos praticamente sob controle esse tipo de moléstia. A maior incidência atualmente são casos de malária, doença típica dos índios, mas que não chega a causar nenhum alarme.”

Depois de explicar que os índios radicados no Parque Nacional do Xingu fazem nítida distinção entre “as doenças de brancos” e as próprias deles, Francisco Pascallchio afirmou que não procedem as informações de que, quando no contato com os brancos, os índios se tornam susceptíveis de certas contaminações. “Isso poderia ocorrer — disse o médico sanitário — no passado, quando eles ainda viviam isolados. Atualmente, porém, todo o Parque Nacional do Xingu é rodeado de fazendas e os índios mantêm amplos contatos com a comunidade branca, sem nenhum risco de se

contaminarem por qualquer tipo de doença”.

**DESNUTRIÇÃO**

“Um dado bastante interessante — afirmou o médico sanitário ao concluir — é o fato de não se registrar, no Xingu, casos de desnutrição da população indígena infantil. O número de casos registrados é significativamente menor que os verificados na periferia e na Grande São Paulo e, segundo entendemos, isso deve-se basicamente à amamentação prolongada, o que evita novas gestações, o espaçamento entre uma gravidez e outra, e também pelo fato de cada uma das famílias indígenas ter seu espaço reservado para plantar o que necessita para sua alimentação”.

Com ampla liberdade para deixarem o Parque Nacional do Xingu, alguns até chegando a servir na Base Aérea de Jacaré, quando em idade militar, os índios sempre retornam e são sistematicamente desestimulados, pelos médicos e funcionários da Funai, a assimilarem regimes alimentares da comunidade branca, mantendo como base principal de sua alimentação a mandioca, carne e peixe, sem utilizar o sal e o açúcar.

Além das quatro viagens anuais que as equipes da Escola Paulista de Medicina realizam ao Parque Nacional do Xingu, em janeiro, abril, julho e setembro, o convênio com a Funai deverá, em breve, ser reformulado, para que dois médicos (em rodízio) permaneçam ininterruptamente no Parque assistindo à comunidade indígena.